

---

# **terra roxa**

## **e outras terras**

Revista de Estudos Literários

---

### APRESENTAÇÃO

Falar em feminismos e feminilidades na Literatura Brasileira significa abarcar as múltiplas dimensões que envolvem o tema e também polemizar sobre os discursos produzidos tanto por homens quanto por mulheres na representação desses feminismos e feminilidades. Afinal, desde as formulações iniciais de Simone de Beauvoir sobre os processos que levam uma mulher a se entender como tal e como o Outro do homem, até chegar aos pressupostos da performatividade de gênero propostos por Judith Butler, ainda que os aspectos da feminilidade tenham sido largamente explorados nas últimas décadas no sentido de desnaturalizar certa ideia de feminino circulante na sociedade, as representações de mulheres na literatura, e nas artes em geral, ainda se ressentem das investidas patriarcais do gênero, as quais sobredeterminam o lugar social das mulheres. Pode-se dizer que os estudos críticos da literatura em perspectiva feminista e de gênero encontram-se consolidados no Brasil, entretanto, a necessidade de dar seguimento a esses estudos nunca se esgota, justamente pela perpetuação das estereótipias e representações misóginas das mulheres em todos os campos simbólicos e materiais da coletividade.

Esse dossiê apresenta-se duplamente necessário: primeiro porque contribui manter a circulação de textos críticos em perspectivas das problematizações sobre as mulheres e sua representação, e segundo porque apresenta caráter multidisciplinar, trazendo olhares retrospectivos ou prospectivos sobre narrativas verbais, visuais ou sonoras do momento ou de tempos passados. O conjunto dos artigos selecionados leva em consideração o conjunto etnia-classe-gênero e transita por várias modalidades de textos literários: romance, poesia, diário, memórias, contos orais até a escrita camp. Todas essas manifestações artísticas atravessadas pelas palavras que resistem às marcas socioculturais que engedram o ser mulher.

O primeiro artigo “*Clara dos Anjos: reflexões sobre gênero, negritudes e preconceitos a partir do enfoque da antropologia do imaginário*”, de Marília Köenig (Faculdade Senac- SC) e Luiza Liene Bressan da Costa (Unibave), apresenta a discussão sobre o que é ser mulher negra e como essa representação literária pode ser ressignificada aos olhos da antropologia ao focar a condição de abandono da jovem

Clara por um homem branco que usa a expectativa de ascensão social via casamento para perpetrar uma série de abusos sobre a protagonista.

Na sequência, temos o texto “O carnaval de Carolina Maria de Jesus: driblando interditos de gênero e classe”, apresentado por Valéria Rosito Ferreira (UFRRJ), também traz para a discussão acadêmica a construção da feminilidade e do feminino atravessada por conceitos de raça e classe ao considerar que Carolina, como poeta, ficcionista, dramaturga, entre outras atividades, transcende a imagem de escritora favelada, transgredindo a apropriação de sua imagem feita pela crítica a partir de seus textos não editados.

Sarah Silva Froz (UEMA) e Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA), dentro do escopo de raça e gênero, analisam o recurso da memória e a configuração dos espaços ocupados pelas personagens femininas de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, em artigo intitulado “Espaços de exclusão e memória em narrativas de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus”. Com esse texto, fecha-se o conjunto de artigos em que o foco interseccional ilumina a leitura do literário a partir da análise das representações de mulheres negras como personagens e como escritoras.

O texto seguinte privilegia a pesquisa de resgate de autoria feminina: “Minha vida de menina, de Helena Morley: um olhar sobre os perfis das mulheres oitocentistas”, escrito por Silvana Capelari Orsolin (UFU) e Carlos Augusto de Melo (UFU), apresenta a problematização do gênero diário e do papel da mulher no período oitocentista brasileiro, reivindicando um lugar na história literária para esse texto cuja importância não poder ser relegada ao apagamento.

A representação de mulheres por escritores masculinos é o tom do texto “*Ana Terra: do núcleo e nebulosa à casa e a rua, marcas da ordem patriarcal no romance de Érico Veríssimo*”, apresentado por Ivan Lucas Borghezan Faust (UTFPR) e Marcos Hidemi de Lima (UTFPR). A discussão presente no artigo envolve os espaços não só enquanto elemento narrativo, mas como lócus que evidenciam as marcas da ordem patriarcal.

Lilian Reichert Coelho (UFSB) apresenta um texto que, além da temática do feminismo e da feminilidade, aborda as associações estéticas contemporâneas que questionam a construção de subjetividades além do binarismo de gênero em “A escrita camp de uma narradora trans no romance *Do fundo do poço se vê a lua*, de Joca Reiners Terron”.

A literatura de autoria feminina como forma de resistência ao patriarcado está contemplada na discussão proposta por Enedir Silva Santos (UFMS) e Kelcilene Grácia-Rodrigues (UFMS) no artigo “Diana caçadora, a resistência feminina na heroína problemática de Márcia Denser”. Nesse artigo, analisa-se o modo como a heroína de Denser destoa dos modelos tradicionais de heróis masculinos ao usar a sexualidade como atividade transgressora em um mundo de relações degradadas.

Por último, o texto “O erotismo como embate: o corpo na (da) poesia feita por mulheres” de Bruna Renata Bernardo Escaleira (USP) e Emerson da Cruz Inácio (USP), também analisa questões relativas à sexualidade por meio da problemati-

zação do corpo feminino em poesias publicadas nas décadas de 1970 e 1980, por autoras portuguesas e brasileiras nas quais o corpo feminino torna-se sujeito do processo literário.

Como se poderá constatar nas páginas seguintes, os trabalhos apresentados compõem um painel amplo das discussões de gênero tão importantes na ordem do dia, no campo literário e no conjunto da sociedade, em tempos de retrocessos já anunciados por Beauvoir ao afirmar que “basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados” (1949: 29). Muitas vezes, esses questionamentos estão envoltos dos conceitos aqui discutidos: feminismos e feminilidades, uma vez que, por sua complexidade e alcance, jamais se esgotam e precisam sempre ser realinhados e rediscutidos conforme a sociedade se reconfigura e demandas, já consideradas superadas, voltam a se apresentar como urgências. Como constituinte e constituída da coletividade culturalmente construída, a literatura jamais se furta ao seu papel transgressor e questionador da suposta “ordem natural das coisas” e os textos analíticos aqui presentes reforçam essa característica do objeto literário em ser, além de um artefato estético, primordialmente ser um instrumento político de transformação.

Suely Leite (UEL)

Luciana Borges (UFCat)

(responsáveis pelo volume)